

Tragicomédia portenha

Josimey Costa

Jornalista e professora de Comunicação Social

Era a sua primeira viagem internacional. Destino: Buenos Aires. Lembrou-se do tango que localizava: “*Corrientes 386*”... Ou seria outro número? Parece que a memória já não andava tão boa. Os amigos tinham avisado que todos os emergentes brasileiros andavam a *turistar* em Buenos Aires, mas isso pouco importava. A cidade é o que se tem de mais próximo da Europa no continente sul-americano. Lembra Paris e seus telhados cônicos, esquinas cortadas como fatias de bolo, cores pardas nos prédios, verde nas praças. Verde escuro, é o que dizem, e ainda não há provas em contrário.

Evidentemente, levava um passaporte. Viagem internacional sem passaporte tem um quê de falsificada. O Mercosul não havia de ser razão suficiente para que ele abrisse mão desse privilégio porque, agora sim, começava seu currículo de andarilho. Aos 45 anos, é bem verdade, e se as portenhas são mesmo lindas como dizem, Buenos Aires deveria valer esse começo tardio. Pior para ela, se não valesse. Ano que vem, ele iria para a matriz (Paris, é claro).

A confusão começou logo no aeroporto.

- *Overbooking?* O que eu tenho a ver com a ganância desta companhia? Eu comprei a passagem e cheguei na hora, eu quero embarcar!

- Senhor, esta situação também é muito difícil para nós. Quem faz isso são os executivos que a esta hora estão tomando cafezinho. A gente que se vire. Mas o fato é que o avião está lotado e teremos de embarcar o senhor em outro vôo, até de outra companhia, se for o caso.

A viagem começou bem. Foram quatro horas de espera no aeroporto até conseguir embarcar - em outra companhia, sem lugar marcado e sem ninguém a quem reclamar. Nem ao bispo, que ele não tinha vendido aquela passagem. Ele respirou e decidiu que não haveria de ser nada. Buenos Aires já estava próxima.

Desembarque, uma guia de turismo falando *portunhol* (feinha, não merecia a fama), um calor de rachar o crânio, mas uma linda urbanidade. Prédios antigos junto a outros bem modernos, carros idem, trânsito de cidade grande, mas sem grandes engarrafamentos - uma maravilha! E mulheres longilíneas, falsas-loiras, cabelos grandes, cinturas finas, bundas salientes, pernas grossas. Uma porção de Valérias Mazdas nas ruas. Menos na recepção do hotel.

Os atendentes eram dois portenhos mal-humorados. Deram-lhe, de cara, duas opções com a justificativa de um hotel lotado: apartamento no décimo andar, sem TV, ou apartamento no segundo andar, com TV. Ele foi na primeira, e encontrou um apartamento sujo e desarrumado. Voltou à recepção, explicaram que a arrumadeira tinha faltado e ele acabou definitivamente no segundo andar. Não havia tanto barulho de carros como tinha pensado, embora o ar condicionado não funcionasse muito bem e o *frigobar* descongelasse no carpete. Tudo bem, ele não tinha ido ali para ficar mesmo em quartos de hotel.

A rua. Crianças, velhos, jovens, todos andando com ar despreocupado em pleno centro da cidade, como se ali não acontecessem assaltos nem seqüestros. O jornalista explicou que há *trombadinhas*, mas é só. Os roubos não são sangüinários. O próprio jornalista (é lógico que essa informação, ele não deu) era um bom exemplo: velhinho,

cabelos totalmente brancos, tentou vender o jornal pelo dobro do preço. Foi descoberto a tempo.

Cafês, mesas e cadeiras nas calçadas, lojas, metrô. Pessoas gentis que dão informações, mesmo sem entender direito quem pede. Comida cara, bebida mais cara ainda. Lindas meninas. As revistas e os jornais traduzem um sentido de tragicidade intenso: até os esportes e as fofocas contam dramas. Não é a toa que a música e a dança nacionais são o tango. *Tango, uma tristeza que se baila...*

Uma dessas moças, que traz a tragédia inscrita na alma desde que nasceu, foi com ele. Conversa pouca, claro, que ele não falava espanhol, ela mal entendia português. Mas para o que ambos tinham em mente, isso bastava. Subiram para o quarto de carpete molhado e ar meio quente. Passaram meia hora juntos. Vinte minutos, ela gastou chorando e tentando explicar a razão de tantas lágrimas. Pelo que ele pôde entender, ela era casada e traía o marido pela primeira vez porque tinha um filho recém-nascido para sustentar e o desemprego que maltratava toda a Argentina os tinha deixado sem trabalho há mais de dez meses. A necessidade a obrigava, mas a consciência lhe doía. E tome choro. Ele não agüentou mais. Pagou pelo serviço meio feito, ela engoliu o pranto e saiu depressa. Não sem antes agradecer beijando-lhe muitas vezes a mão.

Depois disso, ele ficou no quarto ainda um tempo, pensando que aquela umidade toda bem combinava com mais aquele fiasco da viagem. Se ele estivesse no Brasil, mandaria alguém colocar *Tango para Teresa* como música ambiente.